

Na pintura de Matilde Marçal há uma atmosfera generalizada de despedida, a feição de alguma coisa que se quebrou, o véu de uma perda sem substituição. Pressente-se a existência de um desgosto que tem razões antigas. Não paralisa, não sufoca, não esmaga... mas é uma sugestão permanente. A vida prossegue, pela ordem necessária das coisas, mas parece estar sempre a ouvir-se um coro de vozes de veludo, em liturgia. Um lamento do qual já não se sabe bem a causa. Um *in memoriam* latente, que acrescenta à obra, a grandeza da universidade, no reconhecimento de um estado emotivo familiar.

Há ainda o enigma das origens, que o espectador pode condensar nas cenas dos quadros ou alargá-lo à indeterminação, à vida, a um momento de viragem, ao momento dos ses. Há um dia que amanhece e que é abafado, que oprime a respiração e, que por mais que já tenha sido antecipado na imaginação, é uma surpresa amarga, quando toma a consistência do quotidiano, misturando-se com o café e o pão. Matilde Marçal escolhe vários elementos para encenar este mental e começo por pegar num, que tem uma distinção única: a palavra.

O mundo feminino é um mundo de palavras e, talvez paradoxalmente, por ser um mundo de sentimentos. As mulheres querem compreender os sentimentos, querem falar sobre eles e ouvir falar deles e pressupõem as palavras. Interpretar sentimentos é um absurdo; a partir da gramática é uma tarefa praticamente impossível e, na realidade, inglória. As mulheres entendem-na como missão e investem aí todos os esforços. Sentimentos que não se compreendem não fazem sentido. Por outro lado, estão convictas de que é da substância dos sentimentos ter significado e, por isso, empreendem a travessia da ambiguidade para cá e para lá, esmiuçando o miolo do verbo, pela mediação de mais conceitos, cifradamente, ciclicamente, alquimicamente. Esta pintura sugere o valor evocativo das palavras e as voltas da ruminação através delas. As figuras representadas e os sinais que as envolvem não pertencem a acontecimentos de agora; pertencem a horas de efabulação a partir de palavras. As frases não são as pessoas, e a eternidade das palavras que se fixa no papel é falsa. Não se deveria depender dessa eternidade, nem ficar hipotecado nessa mentira.

Na composição das telas existem bocados de folhas de cadernos com coisas escritas, páginas em branco próximas do tinteiro, uma intenção de Diário e cartas e postais com selos. Alguém que não está ali, faz-se representar, sabe-se lá por promessas, por perguntas, por descrições, que mostram e que escondem. Há uma tortuosa distância **entre quem sou, quem digo que sou** num instante preciso, e quem recebe e interpreta todas as essas declarações. Numa carta fala-se sempre de si, mesmo que nunca se escreva **eu**. Uma carta é uma imposição de alguém que ou de alguma coisa que está transformada numa construção conceptual. E se nos tirassem todas as cartas? E se nunca tivéssemos recebido nem escrito nenhuma? Como se vive, sem pelo menos uma vez na vida, ter recebido uma carta de amor? As cartas também servem para ordenar o tempo. Um dia chega a última carta, sem se anunciar como última; só de pois se reconhece assim, como acontece com a noite de há dois dias, que não se sabia ser a derradeira. Só o que está para a frente pode pôr tudo no sítio e, por isso, rasgam-se e queimam-se cartas.

A pintora sabe que a linguagem enunciativa não conduz a tudo o que somos e sublinha este argumento permanecendo no intervalo do que pode ser dito, justificado, documentado. As palavras estão ponderadas com outros elementos da existência. A superação da atmosfera de despedida de que falei, não precisa da

passagem pelo estreito do desejo, das pulsões do corpo, do arrepio da pele; tudo isso já está implícito nos sentimentos, tornando-os ainda mais embaraçosos. É preciso deixar ir a pessoa de quem mais se gosta, se ela assim quer e despovoar o passado dos heróis e dos mártires que nos condicionam. A fuga a essa letargia, “cedência” à vida é, apesar de todas as teias e de todos os enredos, a crença paciente na espera. É a oportunidade do futuro. É a possibilidade de voltar à origem da mágoa, sem ficar magoado. E para não sufocar o devir, é melhor pensar como Balzac que as grandes paixões são raras.

Fátima Pombo in, Matilde Marçal, Pintura, 2004